

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

BRUNO CARDOSO DIAS

NOTÍCIAS FALSAS E DEMOCRACIA

Bolsonaro e o Whatsapp nas eleições de 2018

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

NOTÍCIAS FALSAS E DEMOCRACIA

Bolsonaro e o Whatsapp nas eleições de 2018

Bruno Cardoso Dias

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Osvald

São Paulo

2019

Resumo: Este artigo analisa as mensagens que permearam a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República do Brasil em 2018. Questiona o discurso de ódio e a banalização da violência contidos nos conteúdos propagados no Whatsapp, durante a campanha política do candidato do PSL, e seus impactos no pleito eleitoral. Problematisa como a desinformação tem interferido no cenário político e na democracia.

Palavras-chave: **Notícias falsas, extrema-direita, democracia.**

Resum: This article analyses the messages that were permeated Jair Bolsonaro's election to Republic Presidency in Brazil in 2018. It questions the hate speech and the violence banalization, in Whatsapp's contents, shared during the political campaign of PSL candidate, and their impact in election lawsuit. Problematises how much the internet influences political scenario and the democracy.

Password-keys: **Fake news, right-extreme, democracy**

Resumen: Este artículo analiza los mensajes que impregnaron a la elección de Jair Bolsonaro a la Presidencia de la República de Brasil en 2018. Cuestiona el discurso de odio y la banalización de la violencia contenidos en los mensajes propagados en el Whatsapp, durante la campaña política del candidato del candidato, PSL, y sus impactos en los comicios electorales. Problematisa cómo la desinformación ha interferido en el escenario político y en la democracia.

Palabras clave: **Noticias falsas, extrema derecha, democracia.**

1. INTRODUÇÃO

Fogos de artifício, gritos emocionados e palavras de ordem marcaram a chegada do deputado Jair Bolsonaro à presidência, em 28 de outubro de 2018. Com 56 milhões de votos, o candidato mais temido pelos movimentos sociais, por suas declarações polêmicas, se tornou Presidente da República do Brasil. Com apenas 8 minutos de tempo na TV para apresentar suas propostas no segundo turno, sem participar de debates e sabatinas e sem esconder seu desconhecimento em economia, Bolsonaro conseguiu alimentar a esperança de seu eleitorado, diante de uma das maiores crises econômicas e políticas do país. Mas afinal de contas: o que o levou ao Palácio do Planalto?

O Jornal Folha de São Paulo e a Revista Época, em reportagens há uma semana do segundo turno, apontaram indícios de que a campanha do presidente eleito, através de caixa 2 de empresários, formou uma imensa rede de difusão de notícias falsas no Whatsapp. Com disparos em massa, propagou mensagens que atribuía ao seu adversário, Fernando Haddad, uma série de mentiras. Entre elas, estava a distribuição, nas escolas primárias, de uma mamadeira com um bico peniano e um kit gay, com imagens de sexo explícito entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, algumas mensagens atribuíram ao Partido dos Trabalhadores, uma ameaça de golpe comunista, caso chegasse ao poder pela quinta vez. O Supremo Tribunal Federal abriu inquérito para investigar as denúncias, mas não conseguiu sentenciá-lo até o segundo turno das eleições presidenciais.

Para entender esse fenômeno nas eleições de 2018, e analisar a chegada de Bolsonaro ao poder, este artigo focará no discurso das mensagens propagadas nos grupos de WhatsApp pró-Bolsonaro. Nos propomos a responder às seguintes perguntas-problema: **1.** De que maneira o uso do WhatsApp influenciou a eleição de Jair Bolsonaro em 2018? **2.** Qual o discurso das mensagens propagadas nos grupos que o apoiaram durante a eleição?

Como embasamento teórico, são usados pensamentos da Hannah Arendt, Bauman, Livetsky, Pierre Levy, entre outros.

2. O cenário das eleições presidenciais e o uso do Whatsapp

Jair Bolsonaro ¹se elegeu diante de um cenário turbulento em decorrência da crise econômica. Segundo dados do IBGE, em 2018, havia 14 milhões de desempregados no Brasil. Além disso, no mesmo ano, o país teve uma greve de caminhoneiros que gerou uma crise de abastecimento de 4 dias, em decorrência dos aumentos consecutivos do Diesel. Em outubro, no mês da eleição, o gás de cozinha chegou a cem reais; o dobro do valor, no mesmo período em 2014.

Entre enfrentar a crescente decadência, com a sua anarquia e total arbitrariedade, e curvar-se ante a coerência mais rígida e fantasticamente fictícia de uma ideologia, as massas provavelmente escolherão esse último caminho, dispostas a pagar por isso com sacrifícios individuais – não porque sejam estúpidas ou perversas, mas porque, no desastre geral, essa fuga lhes permite manter um mínimo de respeito próprio (ARENDETT, 1997, I.8053, 8160)

Ivone Carvalho ²é branca, aposentada, tem 75 anos e trabalhou toda a sua vida criando teatro infantil para apresentação em escolas. Elegeu Bolsonaro para que ele conserte o país que, segundo ela, foi destruído pelo PT. “Nós trabalhamos pro Bolsonaro de graça. Compartilhávamos tudo o que era enviado para a gente nos grupos de Whatsapp.” Sobre as declarações homofóbicas dele, minimiza garantindo que não haverá perseguição a gays, muito menos a negros. Sobre o risco de termos uma ditadura, completa: “Não tivemos uma ditadura. Tivemos um governo militar muito melhor que os governos de hoje.”

Vinicius Coeve é branco, tem 38 anos e é investigador de polícia. Votou em Bolsonaro porque acredita que o Brasil está prestes a viver uma guerra civil. “Os bandidos estão dominando o país. A polícia está há 4 anos sem aumento de salário e de mãos atadas para conter a bandidagem. Bolsonaro vai dar mais poder pra gente trabalhar”. O jovem policial também acredita que o Estado tenha que garantir saúde, educação e segurança. “A escola pública tem que ser melhor que a particular. Tem que ensinar os alunos a amar a bandeira e o país. Tem que ter ordem. Não tem que ter cartilha gay”. Durante o Governo de Bolsonaro, Vinicius não acredita em censura à oposição, perseguição a minorias e pensa que os privilégios irão acabar. “Tem que

¹ Informações segundo reportagens de O Globo e Portal R7

² Entrevistas realizadas pelo pesquisador, em novembro de 2018, por Whatsapp

acabar com o imenso salário do Supremo e as cotas para negros. Não escravizei ninguém.”

Hilton Gaidargi tem 25 anos, é gay e cabelereiro. Votou em Bolsonaro porque acha que o Brasil precisava de uma mudança. “Não dava pra continuar do jeito que estava. O PT acabou com o país. As coisas estão super caras. Não sobra dinheiro para nada. O Bolsonaro vai mudar isso; assim que assumir vai abaixar os impostos e isso já vai mudar”, diz.

Há algo em comum no discurso dos três eleitores entrevistados: a indignação com o sistema desigual, corrupto e injusto. Bauman (2010) diz que o capitalismo funciona como um parasita que individualiza as mazelas sociais, para que o sistema desigual permaneça intacto. A culpa pelas desigualdades e por tudo aquilo que gera insatisfação, é do indivíduo; ele que não se esforçou o bastante ou que não fez por merecer uma realidade mais satisfatória. Quando o sistema capitalista não consegue responsabilizar as pessoas pelas injustiças, ele cultua o medo.

Para os governos e o mercado, é interessante manter acesos os medos e, se possível, até estimular o aumento da insegurança. Como a fonte das ansiedades parece distante e indefinida, é como se dependêssemos dos especialistas, das pessoas que entendem do assunto, para mostrar onde estão as causas do sofrimento e como lutar contra ele. Não temos como testar a verdade que nos contam. Só nos resta então, acreditar no que nos dizem. (BAUMAN, 2010, p. 75)

Para Wiewiorka (1997) o medo ocasionado pelas fraturas sociais da globalização é o que ocasiona a banalização da violência e a escolha de caminhos radicais. Como a sociedade de consumo não é preparada para o pensamento, as pessoas tendem a direcionar seus medos e consensos de violência às diferenças culturais, religiosas e de opiniões. Indivíduos e seus grupos são demonizados pelas mazelas que também são parte e assim, a sociedade não questiona as consequências do mundo globalizado que se divide entre os que fazem parte do consumo e os que não. “A violência, na medida em que se inscreve no prolongamento de problemas sociais clássicos, ou que não questiona as modalidades mais fundamentais da dominação, é suscetível de ser negada ou banalizada”. (WIEVIORKA, 1997, p.5)

Bauman (2010) acredita que o capitalismo molda o modo de vida dos seres humanos, o seu olhar sob o mundo e até sua maneira de sofrer. Já para Levy (2005), a percepção humana se forma não só pela relação social com o mundo e as regras

que são estabelecidas historicamente, pela globalização, por exemplo, como pelo uso da tecnologia. De acordo com ele, as ferramentas que utilizamos formam uma inteligência coletiva que influencia diretamente a forma de perceber o mundo. Qualquer tipo de utensílio que se instaura no cotidiano muda nossa relação com o outro e o espaço, alterando não só a fisicalidade, como as maneiras de reconhecer a realidade. Sendo assim, a máquina fotográfica, o avião, o computador e a internet, não são apenas ferramentas de uso, mas de alteração das percepções sociais e espaciais.

Assange (2013) acredita que a internet, na mão das grandes corporações, virou uma grande ferramenta de colonização do pensamento e das percepções, a serviço das elites econômicas. Embora tenha iniciado como uma forma de resistência a hegemonia dos meios de comunicação, as redes sociais, como o Facebook, tornam os dados dos usuários, um objeto de venda para obter lucro. “O Facebook é completamente centralizado. O Twitter é completamente centralizado. O Google é completamente centralizado. Tudo nos Estados Unidos. Tudo controlável por grupos que controlam as forças opressoras. (ASSANGE. 2013, p. 91)

Já vimos, através dos autores acima, que as construções simbólicas se dão pela relação do indivíduo com o todo. Atualmente a globalização, o mercado e a própria tecnologia têm influenciado as percepções humanas. Trazendo a análise para o Brasil, além dessas questões, não podemos desconsiderar os indicadores educacionais. Segundo estudos do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), 3 em cada 10 jovens e adultos de 15 a 64 anos – 29% do total, o equivalente a 38 milhões de pessoas, são analfabetos funcionais. Nessa faixa, 8% são analfabetos absolutos.

Mas o que esses indicadores trazem para essa discussão?

2.1 O uso do Whatsapp

Paralelamente aos dados sobre o analfabetismo funcional, temos a utilização das redes sociais e da internet no Brasil que abrange todas as escolaridades e classes sociais. De acordo com a pesquisa da Ericson, o uso do Whatsapp representa 80% de tudo que é consumido na internet brasileira. Somado a esse fenômeno, operadoras como a Claro e a Tim³, oferecem planos a partir de R\$ 14,99, com o uso ilimitado do

³ Dados recolhidos nos sites das operadoras citadas

WhatsApp, ou seja, o uso do aplicativo foi democratizado no Brasil e independe do seu nível de alfabetismo.

O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto, nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre fato e ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). (ARENDDT, 1997, apud KAKUTANI, 2018, l.55)

Para Kakutani (2018), políticos do mundo todo têm se aproveitado da alienação da sociedade do consumo, para ocasionar o “declínio da verdade” em que testemunhos e testemunhas não são mais necessários para embasar um fato. O medo e a raiva são usados para corroer os debates, as instituições e formar um pseudo-verdade em benefício de populistas e fundamentalistas. Ao passo que a internet democratizou a informação, ela possibilitou que o senso comum tomasse o lugar do conhecimento científico, misturando o que é realidade e o que é argumentação, além de propagar especulações sem embasamento.

Podemos verificar este fenômeno nas eleições de 2018. Os jornalistas Gabriel Ferreira e João Pedro Soares, em reportagem na versão digital da revista Época (2018), apuraram que a equipe de Bolsonaro criou uma extensa rede de criação e compartilhamento de conteúdo. Agências de Comunicação foram contratadas para criar grupos no WhatsApp e enviar mensagens a números fornecidos por agentes diretos de Bolsonaro. Muita gente era adicionada sem autorização, porém, no privado, mensagens com teor familiar, evitavam ao máximo a desistência de usuários.

Para a criação do conteúdo que abastece essa rede, as diretrizes principais eram humor e superficialidade. “A mensagem tinha de ser simples, para ficar na cabeça das pessoas”, disse André. “Após junho de 2013, a força das redes ficou evidente. Essa linguagem, percebeu-se, funcionava muito bem na Internet e tinha uma eficácia impressionante na política”. Memes e mensagens que ironizavam opositores eram muito utilizados. Do contratante vinha a ordem para insistir em temas caros ao capitão reformado, como segurança pública, ataques ao PT e à corrupção, além de explorar sua imagem “autêntica”. Para tanto, eram repassadas à prestadora de serviços frases de efeito que Bolsonaro já tinha dito em eventos públicos ou que ainda diria, tudo para se antecipar e aproveitar ao máximo o ambiente virtual.

A reportagem apurou ainda, a preferência dada a temas polêmicos, como imagens apelativas à volta da ditadura militar, à briga de Bolsonaro com a deputada Maria do Rosário e as declarações fortes do capitão reformado.

Mas o que leva o usuário a ser presa fácil na internet?

Santaella (2018) acredita que o atual comportamento do usuário é o grande caminho para a construção da pós-verdade. O fato de a internet ser um ambiente disperso e de lazer, em que as pessoas não leem e apenas clicam em “curtir”, ajuda a formação de mensagens apelativas e títulos mentirosos.

Diante desse cenário que se forma na internet, Nogueira (2015) diz que o computador e a cibercultura que tem o poder de ser uma ferramenta questionadora, de emancipação social, de reflexão política e de aguçamento dos questionamentos, nas mãos de interesses escusos, torna-se um mecanismo de constante vigilância e alienação. Direciona seu aparato técnico e sofisticado para a invasão da privacidade, o alinhamento ideológico das instâncias de poder e o fortalecimento das “amarras da servidão” que prendem o usuário na alienação, impossibilitando a formação de uma perspectiva libertária e humanista.

O poder e suas formas de controle estão, na sociedade midiaticizada, por toda a parte, incluindo os lares e os corpos dos indivíduos conferindo nesses espaços suas marcas, tatuagens ideológicas que transcendem a pele e se colam naquilo que os antigos chamavam de alma, na psique, no espaço interno na construção da personalidade, da persona, unindo poder, sonho e solidão. (NOGUEIRA, 2015, p.153)

Para Sibilia (2008), essa apropriação das subjetividades por parte do capital, dilacerou as memórias e os vínculos com o passado. As vozes “online” nada dizem, deixando um vácuo histórico. As multidões do ciberespaço só vociferam, nada têm a refletir. Como consequência, há o risco da formação de subjetividades totalmente vulneráveis e vácuos de consciência que instâncias de poder podem querer preencher ou pior, reconstruir. A vida humana será reduzida a velocidade de recriar, vender e comprar.

Esses vácuos de consciência são preenchidos pelas “bolhas”, ocasionadas pelos algoritmos do Facebook, muito pouco transparentes quanto ao seu critério. Através das curtidas, corações, risos, lágrimas e raiva que o usuário expressa por

meio de “emoticons”, a rede social pode ter um panorama do seu humor, e assim, através dos algoritmos, escolher o que cada pessoa deve ver ou não.

O *stream* significa que você não precisa mais abrir tantos sites. Você não precisa de inúmeras janelas. Você não precisa sequer de um navegador. Você abre o Twitter ou o Facebook em seu smartphone e mergulha fundo. A montanha veio até você. Os algoritmos escolheram tudo para você. De acordo com o que você e seus amigos leram ou viram antes, eles preveem o que você gostaria de ver. (DERAKHSHAN, 2015, s/n)

Santaella (2018) considera que o uso contínuo das redes sociais e os dados armazenados nas empresas, tem deixado as pessoas vulneráveis a propagandas e manipulações. Os filtros e bolhas acabam possibilitando a crença cega e a desconfiança a tudo que está fora de sua visão habitual.

Os filtros são formas de manipulações que colocam o usuário mal informado sobretudo, a interesses políticos escusos. (...) As máquinas de buscas e as mídias sociais promovem segregação ideológica, pois o usuário acaba por expor quase exclusivamente a visões unilaterais, dentro do espectro político mais amplo. Quando muito arraigadas devido à repetição ininterrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento. (SANTAELLA, 2018, l. 94)

A programação dos algoritmos, para Branco (2017), não serve somente para que as redes sociais identifiquem nichos de mercado e possam direcionar conteúdos, mas também para entreter e agradar. O objetivo é que o ambiente seja leve para que o usuário volte e continue compartilhando suas informações. Dessa forma, a rede social como um meio de comunicação, é a expressão fiel dos anseios e desejos de seu público.

Essa rede de interação formou uma sociedade efêmera, narcisista e sem raízes. Tudo se baseia no instante e no fugaz. Não há debate, não há necessidade de dizer os porquês de uma opinião; há apenas a expressão do gostei ou não, através de símbolos, emoticons e desenhos. No mundo do Facebook e Whatsapp, as pessoas não são reconhecidas pelos seus pensamentos e sim, por aquilo que curtem e compartilham. Como consequência, forma-se uma identidade que se manifesta por emoções e apreciações e que precisa, a todo momento, da aprovação do outro para se reafirmar. (LIPOVETSKY; SERROY. 2015)

Quando há divergências, as redes sociais oferecem a solução:

A fim de satisfazer suas próprias necessidades, inúmeros serão os usuários que optarão por deixar de seguir (dar unfollow) em quem quer que discorde dele, que não curta nem compartilhe suas publicações ou que simplesmente lhe pareça desinteressante.” (BRANCO, 2016, p. 54)

Em levantamento feito pelo site BuzzFeed News dos EUA, em dezembro de 2016, ficou comprovado, durante as eleições presidenciais americanas, que o compartilhamento de notícias falsas tanto no Facebook quanto no Whatsapp, era muito maior que as notícias dos meios de comunicação tradicionais. Segundo a pesquisa, essa programação do algoritmo que prefere o feed de familiares, de amigos e de pessoas com mesma afinidade, possibilitou o “gigante” das fake news em todas as redes sociais.

Em setembro deste ano, o Facebook admitiu o vazamento dos dados de mais de 50 milhões de usuários brasileiros. A rede social também enfrentou um processo nos Estados Unidos por ter fornecido informações de 87 milhões de usuários para a Cambridge Analítica formar sua estratégia para a eleição de Donald Trump e o Brexit na Grã-Bretanha. Os dados fornecidos tinham a ver com as emoções do usuário, manifestadas pelos emoticons; assim era possível direcionar a campanha, exatamente de acordo com os anseios de cada eleitor.

A vida online tem criado uma espécie de mundo distópico do livro 1984 de George Orwell. Para que a ditadura do “Grande Irmão” não sofresse abalos, além da criação constante de inimigos a serem combatidos, a população era frequentemente vigiada e a história recriada por um departamento específico. “E se os fatos atestarem algo diferente, então é preciso alterar os fatos. Dessa forma, a história é constantemente reescrita”. (KAKUTANI, I.1084, 2018)

Além das redes sociais oferecerem a possibilidade de formatação das percepções humanas, de acordo com determinados interesses e de reescrever a história para auxiliar estruturas de poder, Assange (2016) alerta para as consequências da centralização da internet, pois ela pode oferecer riscos reais para as pessoas em países com democracia fragilizadas. O armazenamento de dados em nuvens, por exemplo, possibilita que as memórias, criações e dados pessoais passem por vigilância do Estado. Para ele, se a internet não resgatar seu ambiente democrático, a civilização humana estará ameaçada por estar suscetível opressão de autocracias.

Atualmente tenho visto uma militarização do ciberespaço, no sentido de uma ocupação militar. Quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto. É como ter um soldado entre você e sua mulher enquanto vocês estão trocando mensagens de texto. (...) a internet que devia ser um espaço civil, se transformou em um espaço militarizado. (ASSANGE, 2016, p.53)

O fim das democracias na atualidade é muito menos dramático do que no passado. As ruínas ocorrem sem armas, sem morte, sem exército na rua. Um sistema democrático, nos dias de hoje, padece aos poucos, por mãos invisíveis e passo a passo. Os autocratas eleitos corroem a democracia usando a máscara da legalidade; líderes da oposição são presos, a imprensa é prejudicada, leis que ferem os direitos humanos são aprovadas, tudo de forma sutil, muitas vezes, como um retrato do aperfeiçoamento da democracia, do combate a corrupção ou de higienização do que fere a ordem. Os autocratas, ao denominarem um inimigo a ser combatido, por trás do discurso do progresso e da ordem, subvertem a democracia emparelhando os tribunais, intimidando a mídia e mudando as regras do jogo jurídico contra os oponentes. Utilizam as próprias ferramentas da democracia, no caso as instituições, para matá-la. (LEVITSKY, 2018)

3. Autocracias

O Presidente e seus filhos já demonstraram, através de falas e atitudes, tendências à autocracia.

Eduardo Bolsonaro, em vídeo gravado no início de 2018, em palestra, disse que caso o Supremo Tribunal Federal impugnasse a candidatura de seu pai, bastaria um cabo e um soldado para dissolver os Ministros. Em comício, pouco antes de ser eleito, o próprio Bolsonaro prometeu perseguir o jornal “Folha de São Paulo” pela divulgação da denúncia de caixa 2, que ele considera “Fake News”. Além disso, declarou que varreria a oposição do país, sob a justificativa de combate a corrupção. Após eleito, tanto o filho como o Presidente, falaram que foram declarações feitas no calor do momento e que não vão fazer o que disseram.

Arendt (1997) diz que uma característica em comum no início das autocracias, é a mudança de sentido que algumas palavras ou ideias ganham. Não se tratam problemas como algo negativo. Guerra, violência, desemprego, crise e opressão,

ganham palavras mais digeríveis pelas massas, de forma a dar uma nova realidade às doutrinas ideológicas e às mentiras utilitárias.

Levotsky (2018) conta sobre a autocracia do Peru. Fujimori queria apenas uma cadeira no Senado, mas viu na insatisfação popular, o caminho para ser presidente. Como o país vivia um séria crise econômica e índices alarmantes de inflação, a população não se via representada pelos políticos tradicionais. Fujimori se apresentou como o novo, como o combatente da corrupção, do tráfico de drogas e como a solução para um país a beira do colapso. Em sua campanha enfatizou que o povo era feito de bobo e merecia um destino melhor. Sem coalizão, ganhou a presidência.

Tanto o Congresso como o Supremo peruano, nos primeiros anos de Governo, barraram suas medidas. O presidente eleito passou a atacá-los, os chamando de terroristas. Além disso, passou a declarar constantemente que não tinha paciência para negociar com políticos. Atacou os oligopólios, as mídias e disse, frequentemente, que a democracia estava ameaçada. Após ter medidas radicais barradas pelo Supremo e com o risco iminente de impeachment, o presidente peruano, em abril de 1992, anunciou a dissolução do Congresso, da Constituição e do Supremo.

Embora alguns demagogos eleitos assumam o cargo com um plano de autocracia, esse não é o caso de muitos deles, como Fujimori. A ruptura democrática não precisa de um plano. Antes, como sugere a experiência do Peru, ela pode resultar de uma sequência antecipada de acontecimentos – uma escalada de retaliações entre um líder demagógico que não obedece às regras e um establishment político ameaçado. (LEVITISKY, 2018, I.1269)

A linguagem é a grande arma das autocracias e dos regimes totalitários. É através da linguagem que se apela ao nacionalismo, que se instaura o terror, o medo às diferenças e que se banaliza as divergências com deslealdade. Os autocratas em potencial se comunicam pelo discurso alarmante, pela banalização dos fatos, pela demagogia e pela constante provocação. (ARENDR, 1997; LEVITISKY, 2018; KAKUTANI, 2018)

4. O discurso das mensagens de Whatsapp pró-Bolsonaro nas eleições de 2018

O Whatsapp teve um papel histórico na definição do cenário político brasileiro em 2018. Inúmeras mensagens circularam tentando influenciar o voto de eleitores. Segundo reportagem de Pablo Ortelado, em 4 de dezembro de 2018, o PSL,

comprou um banco de dados de forma ilegal, com o telefone de milhares de eleitores. Muitas pessoas eram acrescentadas, sem sua permissão, em grupos de Whatsapp pró-Bolsonaro para que fosse possível os disparos em massa. Para despistar as autoridades, chips de outros países eram usados.

O alcance dessas mensagens foi tão grande, que ela é alvo de investigação pela Polícia Federal, segundo a mesma reportagem. Há suspeita de que todo esse sistema de mensagens tenha sido financiado por empresários, através de caixa 2.

Selecionamos uma pequena amostra desse conteúdo, voltada para o discurso implícito e explícito de ódio, porque nosso interesse não é comprovar o volume desses materiais compartilhados – até porque seria impossível – mas analisar e entender o discurso de ódio contido, as inverdades e seus impactos na escolha do candidato.

Frias filho (2018), define as notícias falsas como “toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro falso ou à manipulação política. (Apud SANTAELA, 2018, I. 354)

O Comitê Gestor da Internet no Brasil, em fascículo lançado em 2017, sobre as características das notícias falsas, diz que nos boatos online, predomina o uso de títulos alarmantes, linguagem bombástica, erros de português e pouca ou nenhuma identificação das fontes de informação. Além disso, as falsas reportagens não se confirmam em demais meios de comunicação, são apelativas, fora de contexto e muitas vezes, visivelmente editadas. Os endereços das páginas (as URLS) imitam o nome dos meios de comunicação famosos e não tem expediente, com o nome dos profissionais envolvidos.

Com relação aos conteúdos, Santaella (2018) os diferencia nas seguintes categorias. 1) conteúdo político falso. 2) mensagens que são muito enganadoras, mas não necessariamente falsas. 3) Memes que não são nem verdadeiros nem falsos, porém capazes de produzir impressão negativa ou incorreta. 4) Caça-cliques, ou seja, links com títulos apelativos para vender produtos. 5) Mensagens para confirmar parcialidades e preconceitos. 6) Mensagens enganosas contra um assunto ou pessoa.

A autora complementa ainda que a proliferação de notícias falsas se dá em ambiente de forte polarização política, de desconfiança nos meios de comunicação tradicionais e ceticismo generalizado nas instituições e políticos.

Uma das mensagens que foi compartilhada em grupos pró-Bolsonaro no Whatsapp foi a seguinte:

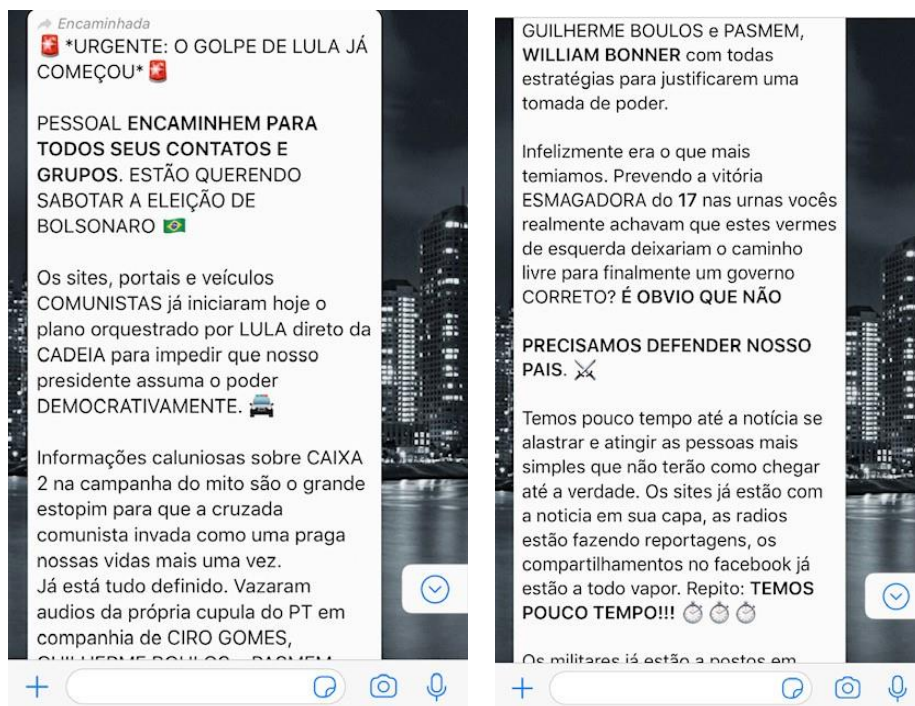


Figura 1 e 2: Print da mensagem. Fonte: Reprodução do Autor.

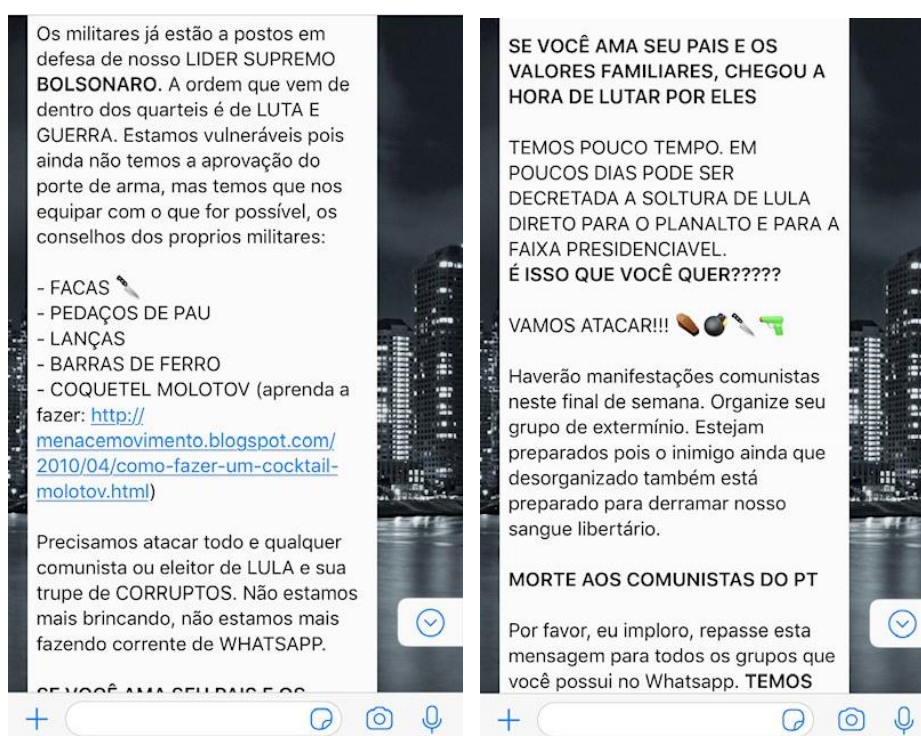


Figura 3 e 4: Print da mensagem. Fonte: Reprodução do Autor.

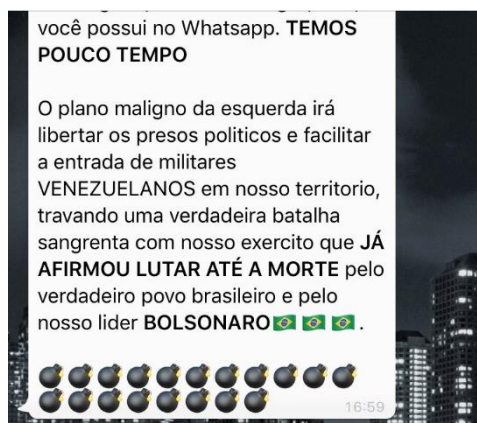


Figura 5: Print da mensagem. Fonte: Reprodução do Autor.

Além dos erros de português, do tom alarmante e de “fatos” não comprovados – como o áudio do Boulos, do Ciro Gomes, Haddad e William Bonner – o discurso da mensagem apela para o terror, a banalização da violência – quando incita o armamento da população -e o discurso do ódio. De acordo com Simpson (2012), a mensagem de ódio se caracteriza por referenciar – através dos dizeres, imagens e símbolos – antipatia por grupos ou indivíduos de determinados nichos, por causa de sua raça, sexualidade, religião, crenças ou visões de mundo. Além disso, o discurso de ódio se caracteriza por um tom extremista, como se a existência e a forma de vida de determinado segmento da sociedade, oferecesse uma ameaça à ordem.

Segundo Waldron (2009), o discurso de ódio define-se quando a mensagem fere a dignidade de alguém. Se o conteúdo de um enunciado ameaça o direito do outro de ir e vir, de se expressar e de escolher, podemos conceituá-lo como uma sentença de ódio. Se alguém, ao ler uma mensagem, se sente amedrontado de se expressar, é um termômetro de perigo.

O conteúdo compartilhado no Whatsapp por simpatizantes de Bolsonaro, não se empenha em comprovar aquilo que diz. De forma agressiva coloca os dados de um possível golpe do PT e de uma ameaça orquestrada, sem oferecer fontes seguras que corroboram a informação; uma característica típica do que o Comitê Gestor da Internet considera notícia falsa, em seu fascículo Boatos, lançado em 2018.

Arendt (1997) diz que o terror e a mentira são armas que alimentam os simpatizantes de um governo totalitário. Mesmo que os autocratas consigam se eleger, eles continuam a usar o tom alarmista para colocar em prática seus planos de

Governo. Além disso, continuam a assumir total desprezo pelo embasamento científico e pelos fatos. “Sua propaganda exhibe extremo desprezo pelos fatos em si, pois na sua opinião, os fatos dependem exclusivamente do poder do homem que os inventa” (ARENDDT, 1997, l.7997)

Para Kakutani (2018) o que caracteriza um fato é o testemunho confiável de alguém para lembrar determinado acontecimento, metodologia de apuração e documentos para oficializá-lo. Isso é o que diferencia fatos de opinião. A autora também enfatiza que o pensamento pós-moderno de que a verdade depende de perspectiva, foi o que facilitou a chegada de oportunistas ao poder. A sede midiática de achar que sempre há uma segunda visão sobre tudo, facilitou que políticos mentirosos criassem teorias absurdas e novos contextos a acontecimentos históricos.

A segunda mensagem exemplifica esse posicionamento. Em grupos pró-Bolsonaro, outra das mensagens compartilhadas, foi a seguinte:

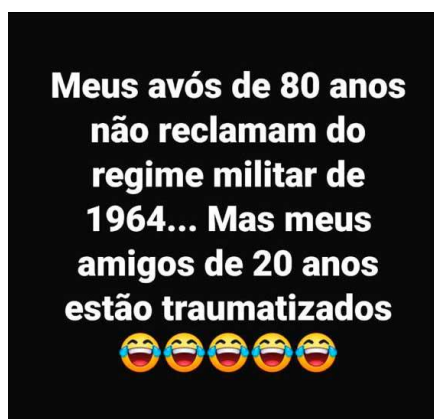


Figura 6: Print da mensagem. Fonte: Reprodução do Autor.

Embora o discurso da mensagem acima relativize o teor da ditadura militar no Brasil, o próprio Ato Institucional número 5, de 1968, disponível no site da Câmara Federal, comprova que as declarações compartilhadas são mentirosas. O ato em questão, deu total poder ao Presidente da República, impediu o voto para presidente e instaurou a censura.

Art. 4º: No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

(...) Art. 5º A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em: I - cessação de privilégio de fôro por prerrogativa de função; II - suspensão do direito de votar e de ser

votado nas eleições sindicais; III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política; (ATO INSTITUCIONAL nº5, 1968)

Os questionadores⁴ e opositores do Regime Militar eram presos, torturados, exilados e alguns até mortos. Estima-se a morte de mais de 1500 pessoas que se posicionaram contra os militares. Um deles foi Vladimir Herzog, jornalista da TV Cultura, intimado a prestar declarações por um texto que escreveu contra o regime. Herzog foi encontrado enforcado em sua cela, assassinado.

Relativizar os efeitos da ditadura não é algo recente. Desde as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, grupos passaram a defender os governos militares. O portal Terra revelou em reportagem, de 10 de julho de 2013, grupos pedindo o retorno dos militares, contra o comunismo.

Waldron (2009) alerta para o poder da relativização da violência. De acordo com ele, uma sociedade saudável só é possível se as agressões à dignidade não forem naturalizadas pelo discurso. Manifestações de ódio ou que atenuem os efeitos da brutalidade— como ser favorável a um regime que torturava, por exemplo – podem criar uma atmosfera de intolerância, colocando em risco minorias, grupos sociais, ou até a democracia. Um dos exemplos que ele dá em seu livro, é da violência contra a mulher, que é naturalizada pela indústria pornográfica. De tanto os filmes adultos intensificarem o arquétipo de mulher sexualmente submissa e obediente ao homem, no mundo real, homens subjagam as mulheres, não se preocupando com seu prazer no ato sexual. “Como o humano se transforma em coisa e o mútuo é eliminado, pelo lado do homem, a objetivação passa a definir feminidade e a parcialidade masculina, mutualidade. As imagens e as palavras desses filmes passam então, no mundo real, a definir a mulher como posse.” (WALDRON, 2009, p. 73, 74)

Para Simpson (2012), discursos que suavizem os impactos da violência podem interferir na realidade, porque permitem que outras pessoas se sintam representadas pelo o que é dito. Possibilita a formação e o crescimento de um ambiente de insegurança que pode, a qualquer momento, manifestar atitudes e práticas de intolerância e opressão, além de abrir espaço para contaminar as instituições.

⁴ Dados do Instituto Vladimir Herzog e da Comissão da Verdade instaurada em 2015. Dados do acesso na bibliografia

Isso se comprova quando se observa que, em 2013, pessoas que relativizavam os efeitos na ditadura eram parcelas minoritárias da população. Hoje, em 2018, Bolsonaro ganha a Presidência da República, mesmo defendendo abertamente os militares e dizendo não ter havido uma ditadura no país. Ou seja, em 5 anos, o discurso ganhou mais adeptos. “O erro da ditadura foi torturar e não matar. (BOLSONARO, 2016, sem p.)

Outra mensagem que teve muito compartilhamento, tanto no Whatsapp como no Facebook, foi de um vídeo de 55 segundos que fala da distribuição de uma mamadeira com bico peniano, em creches de todo Brasil. No vídeo é possível só ver a mão de um homem, segurando uma mamadeira, enquanto diz:

Aqui óh, vocês que votam no PT. Essa aqui é a mamadeira distribuída na creche. Olha a marca aqui. Ela é distribuída na creche, pro seu filho, com a desculpa de combater a homofobia. (abre a tampa e mostra o bico em formato peniano) Olha o bico como é! Tá vendo? O PT e o Haddad, prega isso para seu filho. (sic) Eles bebem mamadeira na creche com isso aqui. (sic) Para combater a homofobia! Tem que votar em Bolsonaro, rapaz. Bolsonaro para fazer o filho da gente homem e mulher. O PT e o Haddad, Lula, Dilma, só quer isso aqui pros nossos filhos. (sic) Isso faz parte do kit gay. Invenção de Haddad, viu?

Além do tom alarmante, mais uma vez observa-se a não utilização das fontes de informação, como o nome da creche, de que cidade e bairro ela é, e quem recebeu a mamadeira.



Segundo Arendt (1997), os movimentos totalitários antes de tomarem o poder, criam um mundo de coerências próprias que se adequa as necessidades da mente

¹Print do vídeo citado.

humana. Exatamente por isso, as crises econômicas são um terreno fértil para o plano de totalitários. Em crise e abalados com os golpes da realidade, os cidadãos ficam atomizados, raivosos e sem raízes. O bom senso se perde, porque a imensa crise eliminou o bom senso de suas vidas. Sendo assim, os totalitários se apropriam das massas e as isolam, o máximo possível da realidade, criando um mundo de imaginação. Se utilizam de mentiras e boatos que os cidadãos não questionam porque ferem o seu ponto fraco. “É desses pontos fracos que as mentiras da propaganda totalitária extraem o elemento da veracidade e experiencia real de que necessitam transpor o abismo entre realidade e a ficção. Só o terror poderia confiar na mera ficção.” (ARENDETT, 1997, I. 8080)

Segundo Santaella (2018), as notícias falsas são mais propagadas que as notícias verdadeiras, pelo seu forte apelo emocional. Elas ensinam diretamente surpreender o leitor ou expectador, além de causar desgosto ou raiva.

Quanto mais o conteúdo induz à indignação, mais aumentam as chances de se propagar aquilo que os autores chamam de “ambientes tóxicos”, quer dizer, ambientes em que a discussão não visa ao desenvolvimento do argumento, mas sim, discutir para ganhar. (...) Quanto mais argumentamos para vencer, mais sentimos que há uma única resposta objetivamente correta. (SANTAELLA, 2018, I. 559,567, 574)

Quando o homem que faz o vídeo diz “Tem que votar em Bolsonaro, rapaz. Bolsonaro para fazer o filho da gente homem e mulher”, fica evidente o teor homofóbico do discurso. Essa suspeita faz mais sentido quando se analisa que Bolsonaro tem inúmeras declarações no mesmo teor, durante sua carreira política. Em programa da Luciana Gimenez, em 2014 na Rede TV, o Presidente chegou a falar que ser gay é falta de porrada e que ele era homofóbico sim, com muito orgulho. Durante sua campanha no Jornal Nacional, falou inúmeras vezes que o PT distribuía um kit gay que incentivava a homossexualidade em crianças; como se ser homossexual fosse doença ou possível de se influenciar.

Waldron (2009) não acredita em sociedade saudável, enquanto houver polarização e relativização do ódio. Como o discurso afeta a construção do mundo real, o autor acredita na necessidade de proibir falas que possibilitem a vulnerabilidade de pessoas ou grupos. Preconceitos históricos só serão combatidos, através do uso da lei. O que vai diferenciar liberdade de expressão de manifestação de preconceitos, é se a mensagem propagada afeta a dignidade humana; se a expressão do pensamento

amedronta, fere a autoestima ou altera o livre-arbítrio de alguém. Se alguém deixa de andar na rua porque não quer se deparar com o discurso ódio, o ambiente não está saudável e livre, está opressivo. Waldron afirma que a banalização do poder do ódio, cria a atmosfera da violência futuramente.

5. CONCLUSÃO:

Este artigo se submeteu a responder as seguintes perguntas-problema:

1. De que maneira o uso do WhatsApp influenciou a eleição de Jair Bolsonaro em 2018?

Jair Bolsonaro foi eleito em um cenário turbulento. A crise econômica e os escândalos de corrupção criaram essa paisagem de ódio e insegurança que, de certa forma, “fertiliza o terreno” para que autocratas criem um inimigo a ser combatido e ofereça medidas fáceis para problemas complexos. Somado a isso, temos o uso do Whatsapp democratizado no país - possibilitando o acesso de pessoas de diversas classes sociais - e índices altos de analfabetismo funcional, que podem ter auxiliado na crença da desinformação.

As denúncias da Folha de São Paulo podem futuramente, caso sejam confirmadas, colocar à luz da história o porquê de o Presidente conseguir votos até mesmo de minorias, como LGBTs, negros e mulheres. Mesmo com declarações polêmicas contra esses grupos, Bolsonaro conseguiu um eleitorado amplo. Os disparos em massa, os algoritmos que sabem exatamente como cada usuário usa a internet, podem explicar que as mensagens foram segmentadas e o conteúdo direcionado para cada anseio particular.

2. Qual o discurso das mensagens propagadas nos grupos que o apoiaram durante a eleição?

Observa-se na pequena amostra de mensagens, a banalização da violência. De forma implícita e, às vezes, explícita, o discurso atenua os efeitos da violência e até os incentiva, como forma de salvar o país do inimigo em comum: o PT. O tom do discurso é sempre alarmante, raivoso, sem identificação das fontes, com erros de português e aparentemente feito por pessoas comuns, de forma que cause identificação em quem o recebe. Tem apelo emotivo, linguagem de fácil assimilação e apresenta fórmulas simples para os problemas graves que retrata.

É violento porque além de incentivar a agressão, minimiza os efeitos da ditadura militar e até mesmo, o preconceito, como a homofobia, por exemplo.

Seguindo os conceitos de Santaella, as mensagens analisadas apresentam conteúdo político falso que não se sustenta em outros fatos, e acentua preconceitos históricos.

O impacto discursivo das mensagens compartilhadas, segue o rito das autocracias, conforme Arendt (1997) alerta, pois elas se aproveitam do momento de preocupação da sociedade brasileira, decorrente da crise do país, para deixá-la alarmada, impactada, com pouca reflexão e conseqüentemente, sem capacidade de observar as reais intenções de quem as produz.

A continuidade de produção de mensagens com esse teor, pode ocasionar mais violência, pois de acordo do Waldron, o limite da liberdade da expressão é a dignidade da pessoa humana. Quando grupos precisam alterar sua rotina, para evitar se deparar com discurso violento, há prejuízo, pois evidencia de que a sociedade não está saudável. E o próximo passo pode ser a agressão, a exclusão e até mesmo o fascismo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT; Hannah. **As origens do Totalitarismo**. Companhia de Bolso. Edição Kindle. Letra tamanho 4. 1997

ASSANGE, Julian. **Quando o Google encontrou o Wikileaks**. São Paulo. Boitempo. 2015.

ASSANGE, Julian. **Cyberpunks**. São Paulo. Boitempo. 2013
BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro. Zahar. 2009

Biografia de um jornalista: Disponível em:
<http://vladimirherzog.org/biografia/?gclid=EAlalQobChMluoXyuJyJ3wIVewSRCh2WKwirEAAYASAAEgLHJvD_BwE>

CALEIRO, João Pedro. **Em entrevistas, Bolsonaro nega ditadura e promete respeitar oposição.** Rio de Janeiro. Outubro de 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/em-entrevistas-bolsonaro-nega-ditadura-e-promete-respeitar-oposicao/>>

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Cartilha de Segurança na Internet: Fascículo Boatos.** São Paulo. 2018. Disponível em: <https://cartilha.cert.br/>

DERAKHSHAN, H. A internet que temos que salvar. Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://m.folha.uol.com.br/tec/2015/09/1683664-a-internet-que-temos-de-salvar.shtml?mobile> >

EL PAÍS. **O whatsapp de uma campanha envenenada.** 2018. <https://brasil.elpais.com/especiais/2018/eleicoes-brasil/conversacoes-whatsapp/>

INAF 2018. **Dados Preliminares.** Disponível em < http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>

JOVEM PAM. **Defensor da Ditadura, Bolsonaro reforça frase polêmica: O erro da ditadura foi torturar e não matar.** Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <<https://jovempan.uol.com.br/programas/panico/defensor-da-ditadura-jair-bolsonaro-reforca-frase-polemica-o-erro-foi-torturar-e-nao-matar.html>>

KAKUTANI, Michiko. **A morte da Verdade: notas sobre a mentira na era Trump.** Intrínseca. Edição Kindle. Letra Tamanho 4. 2018

LEVITSKI, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem?** Zahar. Edição Kindle. Letra Tamanho 4. 2018

LEVY, Pierre. **A inteligência Coletiva.** São Paulo. Edições Loyola. 2011

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro. Editora 34. 1995

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** São Paulo. Editora 34. 2005

MAMADEIRA DE PINTO. 2018 Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=nRaI3AbhUjc>>

NOGUEIRA, Silas. **Mídia, Cultura e Novas Tecnologias: novas formas e modos do sujeito no mundo.** Curitiba. Editora CRV. 2015

ORTELLADO, PABLO. **O que sabemos sobre o uso do Whatsapp nas eleições.** São Paulo. Folha de São Paulo. Disponível em <
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2018/12/o-que-sabemos-sobre-o-uso-do-whatsapp-nas-eleicoes.shtml>>

PORTAL G1. **Em vídeo, filho de Bolsonaro diz que para fechar o STF basta um soldado e um cabo.** 2018. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/21/em-video-filho-de-bolsonaro-diz-que-para-fechar-o-stf-basta-um-soldado-e-um-cabo.ghtml>>

PORTAL TERRA. **Marcha em defesa da liberdade pede volta dos militares ao poder.** Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/sp-marcha-em-defesa-da-liberdade-pede-volta-dos-militares-ao-poder,e5d130a67cacf310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>

Pra quem diz que Bolsonaro não é homofóbico. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=h5KUIEVTbdI>>

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Ato Institucional número 5. 1969. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoins/1960-1969/atoinstitucional-5-13-dezembro-1968-363600-publicacaooriginal-1-pe.html>>

SALUTES, Bruno. **Planos de Whatsapp a vontade.** 2015. Disponível em: <https://www.androidpit.com.br/tim-vivo-claro-pacote-whatsapp-operadoras>

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo. Estação das Letras. Versão Kindle. Tamanho da letra 4. 2018

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a Intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2008

SIMPSON, Robert Mark. **Dignity, Harm, and Hate Speech.** USA. Springer. 2012

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Editora Vozes. 2010

WALDRON, Jeremy. **The Harm in Hate Speech.** USA. Harvard University Press. 2009

WARZEL, Charlie. VO, Lam Tho. **Here's where Donald Trump gets his news.** BuzzFeed News. USA. 2016 Disponível em: <<https://www.buzzfeednews.com/article/charliewarzel/trumps-information-universe#.hyqEyvZ6z>>

WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência.** Revista Tempo Social, Vol. 9, nº1, 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701997000100002>

WONG, Julia Carrie. **The Cambridge Analytica Scandal Changed de World – But didn't change Facebook.** The Guardian. 2019

